

Isolado, Sarney libera o apoio dos aliados.

O presidente José Sarney não anda muito preocupado com os rumos que seus tradicionais aliados políticos possam tomar na sucessão. Sarney já admite ter fracassado na busca de uma candidatura de centro para conter o avanço das esquerdas e deixou os amigos mais íntimos à vontade, mesmo que isso signifique alianças com o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.

Demonstração recente de desprendimento foi dada pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Considerado habilidoso na arte de costurar alianças, Magalhães deu sinais de que está se afastando do ex-presidente Jânio Quadros por ter perdido terreno na corrida sucessória. E ele nunca está só.

Preocupado com uma possível debandada janista, o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, procurou Sarney no Palácio da Alvorada na quarta-feira, para convencê-lo a manter os moderados do PMDB unidos em torno de uma candidatura com chances de re-

verter o favoritismo de Collor. O presidente não se entusiasmou muito.

Em poucas palavras, Sarney deu a entender que seu grupo está fragmentado e sua preocupação maior agora é salvar as aparências do governo se for escolhido para "Cristo" pelos candidatos. Essa posição confirma que, embora disposto a votar em Jânio, na falta de outra candidatura, Sarney tem algumas restrições ao ex-presidente. Quem apostar que os dois são amigos íntimos perde, como garante o consultor-geral da República, Saulo Ramos. O estilo imprevisível de Jânio não combina com Sarney. Além disso, Sarney não esquece que no passado (durante o governo Geisel) foi usado para dar um parecer no Senado, sem ressalvas, ao projeto anistiando o ex-presidente. Só mais tarde descobriu que Jânio usaria esse fato eleitoralmente, declarando que não aceitava a pensão concedida pelo governo. A história entrou para o folclore janista, mas o então senador Sarney não achou graça. Nem Saulo, que só recente-

mente voltou a falar com Jânio.

Na convenção do PMDB, o presidente Sarney carregou toda esperança na candidatura do governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, quando já pressentia o fiasco do ministro Iris Rezende. Perdeu como perdeu o governador do Paraná, Álvaro Dias, que também alimentava a esperança, embalada por alguns setores do Planalto, de ser a alternativa de renovação do PMDB.

O que restou em torno de Sarney navega ao sabor da campanha. O próprio presidente, que imaginava ser a mola-mestra do processo sucessório, não sabendo o que fazer agarra-se a um argumento tão desgastado quanto os que ficam em cima do muro para não se comprometerem: "Voto é secreto, não se revela". E manda recados de que pretende atuar como um magistrado, sem interferir nem participar dos problemas que, na sua opinião, são maiores para o PMDB, por ser o maior partido do país.

Bartolomeu Rodrigues/AE - Brasília

E eles, o que vão fazer com seus votos?

Roberto Cardoso Alves — Mesmo não abri o jogo sobre quem vai apoiar, afirmando que está com Jânio Quadros, o ministro da Indústria e Comércio acha natural que seu grupo procure outros candidatos; na falta de uma identidade com a candidatura Ulysses/Waldir. Fernando Collor de Mello, do PRN, na sua opinião, é uma opção a ser estudada e não é pecado conversar com ele. O que complica é o discurso antigovernista do candidato.

Antônio Carlos Magalhães — O ministro das Comunicações costuma refletir publicamente o pensamento de Sarney e acha que Jânio perdeu espaço para Collor de Mello. Estrategicamente, porém,

Carlos Sant'Anna — Chamou Ulysses Guimarães de traidor quando se aliou aos progressistas do PMDB. O ministro da Educação não tolera Waldir Pires e está disposto a apoiar uma candidatura fora do PMDB.

Iris Resende — Foi derrotado por Ulysses na convenção do PMDB. O ministro da Agricultura pensa agora no seu futuro político em Goiás, onde recebe apoio de correntes conservadoras, que vêem com simpatia o candidato Collor de Mello.

Ronaldo Costa Couto — Mais burocrata que político, o chefe do Gabinete

Civil acha cedo para traçar o quadro político sucessório. Mas não esconde surpresa com o fenômeno Collor de Mello.

José Aparecido de Oliveira — O ministro da Cultura vive sua incansável cruzada em favor de Jânio Quadros.

Jáder Barbalho — Depois da derrota dos moderados, o ministro da Previdência não se sente à vontade para defender a chapa Ulysses/Waldir, principalmente depois que o candidato a vice-presidente declarou que não quer apoio de governistas. "É o primeiro político que vejo dispensar votos", disse. Atualmente, se diz na expectativa do que vai acontecer na campanha.